

DOENÇA DE ALZHEIMER: O Esvaziamento do Ser

Fernanda Pires da Costa¹

“Um dia, aquela pessoa que sempre esteve ao seu lado - marido, mulher, pai, mãe, avó, avô - não sabe mais quem você é. Está doente, com o mal de Alzheimer. E você é tomado pela angústia, pela culpa, pelo medo.”

(Dr. Drauzio Varella)²

O mal de Alzheimer vem se alastrando de forma avassaladora no mundo contemporâneo, sendo considerada a “doença do século”. Nos últimos anos os números de doentes crescem de maneira alarmante potencializando um grande medo nas pessoas, medo esse que se configura como uma das maiores ameaças à saúde pública. Isto, talvez, é ligado à transformação demográfica contemporânea, geração à qual, grupos de pessoas acima de 60 anos estão aumentando, às vezes de uma forma dramática. Dados estatísticos, por exemplo, da revista “The Lancet”³ da Grã Bretanha, remetem a pesquisas e relatórios sobre a doença, estimando um aumento exorbitante no número de doentes, chegando a duplicar a cada 20 anos.

Diante de todas essas informações ficamos pensando e querendo buscar respostas para tantas perguntas que inquietam nossa alma, que provocam o medo sem controle de se tornar um decrépito, um demente. Sim, digo um demente apesar de a palavra soar bem forte ao ler, ruim mesmo. Mas, a doença do Alzheimer é uma demência progressiva e degenerativa do cérebro que afeta a memória, o pensamento, o comportamento e a emoção. A memória em declínio, principalmente a memória de curto prazo é o sintoma inicial mais comum da demência. Outros sintomas incluem dificuldades em executar tarefas domésticas simples, desorientação de tempo e espaço, mudanças na personalidade e

¹ Graduanda do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande.

Email: piris.fernanda@gmail.com

² Médico que fez uma reportagem sobre a doença de Alzheimer e publica no Jornal Fantático da emissora Globo em 11 de Dezembro de 2006

³ Revista científica médica “The Lancet” que publicou um relatório em sua edição de 17 de dezembro de 2005 na Grã Bretanha sobre o Mal de Alzheimer

diminuição na capacidade de julgar situações. Todos esses sintomas evolutivos provenientes do Alzheimer causam temor ao homem moderno, esse homem estereotipado por normas e diretivas de comportamento, baseado na vitalidade, rapidez, juventude, atemporalidade, primando pela competência, dinamismo, sabedoria, tenacidade e habilidade.

Quando me propus a escrever e pesquisar sobre esse assunto questiono o porquê do homem moderno viver com todo esse medo. Quais serão os motivos que nós seres humanos da contemporaneidade nos apavoramos quando o médico diagnostica em nosso corpo que a mente não está mais saudável? Por que todos esses fantasmas nos perseguem? Será que essa demência degenerativa tem outras implicações que podemos tecer sobre o medo do sujeito perder a memória? Ou talvez a perda do discernimento signifique a senilidade na sociedade em que construímos?

Todos esses questionamentos nos fazem refletir bastante sobre as normas e regras ditadas por nós mesmos na modernidade, normas essas que nos comprometem na velhice. Nós somos frutos de um conjunto de conceitos que construímos, dizemos e pensamos, e apenas estamos colhendo tudo àquilo que plantamos.

Esses frutos são conseqüências de um mundo que valoriza a aceleração, o frenesi, a velocidade, as negociações.⁴ Um mundo em que a sociedade está envelhecendo e está mesma sociedade não está apta para acolher seus sujeitos idosos, pois o capitalismo os segrega de maneira desumana e sem piedade. Talvez seja a partir daí que tememos a velhice, e principalmente quando associada à doença do Alzheimer, pois a perda da identidade significa um corpo sem memória, senil, débil, sem suas peculiaridades, abstrações, ou seja, um corpo vazio, sem o eu.

Dentre as inúmeras publicações sejam elas em revistas, jornais falado ou escrito, nos filmes e novelas televisivas que abordam sobre a doença do

⁴No livro “A corrida para o século XXI: no lopp da Montanha-Russa” de Nicolau Sevchenko, o autor faz uma análise sobre o século XX e a transição do XXI partindo de uma análise do desenvolvimento tecnológico. Mostra também que, ao mesmo tempo em que a tecnologia acelerada permite uma comunicação global, acirra as diferenças sócio-econômicas desequilibrando as relações com o meio físico, social e ambiental. Discute questões do neoliberalismo além de propor ao leitor uma visão abrangente das conseqüências das inovações que codificam uma nova sociedade.

SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI: no Loop da Montanha - Russa. 02. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pgs.144.

Alzheimer, pude analisar e detectar de qual olhar parte todas essas construções acerca desse corpo vazio. E se percebe que estudos médicos e científicos relacionados ao estudo do “Mal de Alzheimer” partem de três premissas praticamente, apesar de somente a partir dos anos 90 é que se iniciam pesquisas nesse campo. Primeiro, as publicações se referem a uma doença ligada à velhice, classificando o lado “não normal” para uma determinada faixa etária, segundo, uma mazela proveniente ao estilo de vida sedentário, exaustivo e estressante durante a juventude, e terceiro, ser de origem genética.

Num depoimento de uma senhora cujo marido foi diagnosticado como sofrendo da doença de Alzheimer e que duvidava do modelo fornecido pela biomedicina pode ilustrar bem os inúmeros casos causados pelo estilo de vida que a sociedade capitalista impõe:

“Eles me disseram que era genético e depois que era de família. Mas não existe NINGUÉM na família de meu marido com está doença. Eu pesquisei tudo, e como! Eu vou dizer a vocês o que foi: foi um profundo choque! Ele era um homem de negócios e seu sócio o roubou, e muito, sem que ele tivesse percebido, até que era tarde demais. Este sócio desapareceu e meu marido teve que pagar por tudo. Quando tudo estava pago, ele simplesmente teve um colapso e se desligou do mundo. Mesmo alguns médicos que conheço admitem o fato de que 50% dos casos de Alzheimer são gerados pelo stress. E, por isso, cada vez mais pessoas jovens adoecem. Este mundo é mundo cheio de stress”⁵

Todas essas suposições e incertezas nos fazem recorrer ao saber médico como ditador de nossas vidas, porque através dos mandamentos médicos podemos naturalizar a idéia de que estamos fazendo algo para nos prevenir, se é que exista uma possível prevenção.

A medicina tem o poder de reger a vida do homem que é produto do seu meio, meio esse que se configura na rapidez, dos trens-bala, das informações, acontecimentos e produtos novos, pois devido a essas incógnitas do corpo não temos mais certezas nenhuma, pois essas incertezas travam batalhas horrendas com a nossa mente que se não adaptarmos nossas vidas conformes os códigos que os médicos sugerem, nós nos sentimos culpados, descuidados, alheios ao nosso corpo que guarda tantos segredos sórdidos, isso significa dizer que socializamos

⁵ Trecho retirado do texto “O homem sozinho numa estação: a doença de Alzheimer e as práticas do esquecimento no Brasil” de LEIBING, Annete.

um sentimento de culpabilidade se não tomarmos as “devidas” precauções. Mas será que todo esse conjunto de práticas estabelecidas pela medicina preventiva de domesticarmos nossas vidas e mentes é saudável para o corpo? Atribuímos um valor de legitimidade ao saber médico que chega a atemorizar nossos costumes, nossa mentalidade e nossos sentimentos, pois depositamos uma confiabilidade nesses “manuais para uma velhice saudável” como algo extremamente alcançável.

O drama do Alzheimer é retratado em vários filmes, entre eles, “Íris”⁶ do diretor Richard Eyre, traduzindo uma leitura sobre a patologia decorrente de um passado secreto, mal resolvido, coberto de incertezas, mágoas, dúvidas, uma vida dura dos “novos tempos”⁷, da personagem vivida por Kate Winslet/Judi Dench oferecendo um caráter à doença que seja interpretada de forma proveniente do seu passado dolorido, estressante, repleto de segredos, “o mundo cheio de stress” dito pela esposa apavorada diante do diagnóstico do seu marido.

No filme a escritora e filósofa Iris Murdoch, iniciam-se com a escritora vivendo um princípio de velhice sadia, uma velhice que vai aparecendo de maneira bastante sutil. Até que surgem os primeiros sintomas da doença, que a impedem de seguir no ofício das palavras, cujo ofício é seu maior prazer.

O filme trafega no tempo, contrapondo o sofrimento final de Iris com seu esplendor na juventude, sempre ao lado do marido John Bayley (Hugh Bonneville e Jim Broadbent). “Íris” traz as atrizes Kate Winslet e Judi Dench interpretando a personagem na juventude e na velhice, respectivamente. Iris morre em 1999, abalada pelo Mal de Alzheimer. Além de focar no transtorno que o mal de Alzheimer traz a vida de um ser humano, mostram também com forte interpretação e sentimento os abalos que causam aos cuidadores desses doentes, no caso o marido. Pois além de se ater a uma absoluta paciência, explicita o stress, a responsabilidade e o desengano para com a vida, pois a doença é apenas evolutiva que rouba o discernimento da pessoa amada de maneira desleal.

⁶ Filme do diretor Richard Eyre sobre uma história de amor entre a autora Íris Murdoch interpretada pela atriz Kate Winslet quando jovem e Judi Dench na velhice e seu marido, o professor John Bayley, interpretado por Hugh Bonneville jovem e Jim Broadbent na velhice, contada em duas épocas distintas: na juventude, quando se conheceram, e na velhice, quando Íris sofre de Alzheimer. Vencedor do Oscar de melhor ator coadjuvante em 2001. site oficial: www.miramaxhighlights.com/iris.

⁷ LEIBING, A. G. A. O Homem Sozinho numa Estação - Doença de Alzheimer e as Práticas do Esquecimento no Brasil. In: Annette Leibing; Sibylle Benninghoff-Luehl. (Org.). Devorando o Tempo - Brasil, o País sem Memória. São Paulo: Mandarim, 2001, v. 1, p77-89.

O ser humano hoje, busca a todo instante respostas plausíveis para satisfazer seus medos com o fim de se protegerem e evitá-los. Mas o mais intrigante é que essas respostas ainda são incógnitas a serem descobertas na ciência.

Diante de todos esses argumentos compreendemos os possíveis motivos que leva o homem moderno a temer a senilidade, pois é traçado um perfil para o idoso que não o enquadra mais no corpo social dos “tempos modernos”. Esse corpo social que valoriza a juventude trata a velhice como um ser vazio, sem identidade e memória intensificado fortemente pelo Alzheimer. Fato esse que nos faz concluir que a amnésia é um produto da contemporaneidade, ou seja, uma forma de esquecimento que rompe com o passado. Assim como fez o marido doente de Alzheimer ao sofrer de um golpe de seu sócio, preferiu inconscientemente se desligar do mundo, esquecendo tudo e todos!

Da mesma forma que aconteceu com esse homem jovem de modo de vida ativo, pesquisas mostram os altos índices dessa patologia na sociedade, pois os choques abruptos impostos pelo “sistema capitalista” continuam, os medos e ansios também perduram em nossa alma fazendo com que nos tornemos pessoas fissuradas em busca de normatizar o cotidiano aos moldes saudáveis e higiênicos, em prol de fugir desse temido esvaziamento do ser.

Bibliografia utilizada:

LEIBING, A. G. A. O Homem Sozinho numa Estação - Doença de Alzheimer e as Práticas do Esquecimento no Brasil. In: Annette Leibing; Sibylle Benninghoff-Luehl. (Org.). **Devorando o Tempo - Brasil, o País sem Memória**. São Paulo: Mandarim, 2001, v. 1, p77-89.

LEIBING, A. G. A. **Olhando para Trás: Os dois nascimentos da doença de Alzheimer e a senilidade no Brasil**. Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 37-56, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no Loop da Montanha - Russa**. 02. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pgs.144.

ÍRIS. Direção: Richard Eyre. Produção: Robert Fox e Scott Rudin. Intérpretes: Kate Winslet, Hugh Bonneville, Judi Dench, Jim Broadbent, Eleanor Bron, Ângela Morant, e outros. Música: James Horner. Roteiro: Richard Eyre e Charles Wood, baseado em livro de John Bailey.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**, EDUSP/FAPESP, São Paulo, 1999.

Reportagens:

VARELLA, Drauzio. Demência. **A TRIBUNA**. Santos/SP, de 15 de Mar. de 2008.

VARELLA, Drauzio. O mal de Alzheimer. **FANTÁSTICO**. 10 de Dezembro de 2006. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1391028-7743,00.html>> Acesso em: 09 de Jul. de 2008.

VARELLA, Drauzio. Entendendo o Alzheimer. **FANTÁSTICO**. 11 de Dezembro de 2006. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1382324-743,00.html>> Acesso em: 09 de Jul. de 2008.

Relatório publicado por revista Britânica informa que demência vai quadruplicar **THE LANCET**. Disponível em: <<http://www.thelancet.com/>> Acesso em: 08 de Jul. de 2008.

Site Consultado:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALZHEIMER. Disponível em: <http://www.abraz.org.br/> Acesso em: 07 de Jul. 2008